

ELITE
PRÉ-VESTIBULAR
c a m p i n a s

Resolve
Resolve
Resolve
Aprova
Aprova



FUVEST 2006
SEGUNDA FASE
LÍNGUA PORTUGUESA

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 1

Atribuir ao doente a culpa dos males que o afligem é procedimento tradicional na história da humanidade. A obesidade não foge à regra.

Na Idade Média, a sociedade considerava a hanseníase um castigo de Deus para punir os ímpios. No século 19, quando proliferaram os aglomerados urbanos e a tuberculose adquiriu características epidêmicas, dizia-se que a enfermidade acometia pessoas enfraquecidas pela vida devassa que levavam. Com a epidemia de Aids, a mesma história: apenas os promíscuos adquiririam o HIV.

Coube à ciência demonstrar que são bactérias os agentes causadores de tuberculose e da hanseníase, que a Aids é transmitida por um vírus e que esses microorganismos são alheios às virtudes e fraquezas humanas: infectam crianças, mulheres ou homens, não para puni-los ou vê-los sofrer, mas porque pretendem crescer e multiplicar-se como todos os seres vivos. Tanto se lhes dá se o organismo que lhes oferece condições de sobrevivência pertence à vestal ou ao pecador contumaz.

(...)

Drauzio Varella, **Folha de S. Paulo**, 12/11/2005.

- Crie uma frase com a palavra “obesidade” que possa ser acrescentada ao final do 2º parágrafo sem quebra de coerência.
- Fazendo as adaptações necessárias e respeitando a equivalência de sentido que a expressão “Tanto se lhes dá (...)” tem no texto, proponha uma frase, substituindo o pronome **lhes** pelo seu referente.

Resolução

a) Com relação à obesidade pode-se dizer algo semelhante, que colocaria a culpa de um mal no paciente, como “No caso da obesidade não seria diferente: somente aqueles acometidos pela gula apresentariam este mal”.

No decorrer do texto, a culpa deveria ser retirada do paciente, pois o quadro de obesidade pode ser atribuído ao excesso de gordura provocado por algum descontrole funcional do indivíduo, levando-o à sobrecarga adiposa do tecido subcutâneo.

b) “Tanto se dá aos microorganismos, ou seja, pouco importa aos microorganismos o organismo (hospedeiro) que oferece a eles (os microorganismos) condições de sobrevivência...”

QUESTÃO 2

Em um piano distante, alguém estuda uma lição lenta, em notas graves. (...) Esses sons soltos, indecisos, teimosos e tristes, de uma lição elementar qualquer, têm uma grave monotonia. Deus sabe por que acordei hoje com tendência a filosofia de bairro; mas agora me ocorre que a vida de muita gente parece um pouco essa lição de piano. Nunca chega a formar a linha de uma certa melodia. Começa a esboçar, com os pontos soltos de alguns sons, a curva de uma frase musical; mas logo se detém, e volta, e se perde numa incoerência monótona. Não tem ritmo nem cadência sensíveis.

Rubem Braga, **O homem rouco**.

- O autor estabelece uma associação poética entre a vida de muita gente e uma lição de piano. Esclareça o sentido que ganha, no contexto dessa associação, a frase “Nunca chega a formar a linha de uma certa melodia”.
- “Deus sabe por que acordei hoje com tendência a filosofia de bairro.” Reescreva a frase acima, substituindo a expressão sublinhada por outra de sentido equivalente.

Resolução

a) A frase “nunca chega a formar a linha de uma certa melodia” refere-se ao fato, apontado pelo autor, de que a vida humana não é coerente, não segue nenhuma lógica, ao contrário da melodia musical, que é escrita segundo certas regras. **Aquela aula de piano nunca iria formar uma melodia musical, assim como a vida de muita gente.**

b) O texto fala a respeito de pensamentos que na opinião do narrador-personagem não deveriam ter muito valor, pois se tratava de suas reflexões íntimas, não necessariamente um consenso geral. Assim, a expressão poderia ser substituída pela seguinte:

“Deus sabe por que acordei hoje com vontade de fazer reflexões baratas.”

QUESTÃO 3

O Brasil já está à beira do abismo. Mas ainda vai ser preciso um grande esforço de todo mundo pra colocarmos ele novamente lá em cima.

Millôr Fernandes.

- Em seu sentido usual, a expressão sublinhada significa “às vésperas de uma catástrofe”. Tal significado se confirma no texto? Justifique sua resposta.
- Sem alterar o seu sentido, reescreva o texto em um único período, iniciando com “Embora o Brasil (...)” e substituindo a forma “pra” por “para que”. Faça as demais transformações que são necessárias para adequar o texto à norma escrita padrão.

Resolução

a) Embora o sentido de “às vésperas de uma catástrofe” seja usualmente sinônimo do trecho “está à beira do abismo”, no texto, este sentido não se confirma, pois, ao afirmar que será necessário um grande esforço para colocar o país novamente em posição superior, subentende-se que Millôr já o considera em plano inferior, ou seja, após ter já caído. Assim, estar à beira do abismo significaria que o país, após grande catástrofe, estaria pronto para iniciar o processo de recuperação. Note-se que é característica do autor Millôr Fernandes o emprego da ironia, que se caracteriza pela utilização de afirmações pelo seu sentido oposto.

b) Para fazermos as adequações à norma culta, além das modificações sugeridas, devemos trocar o trecho “colocarmos ele” em que, de acordo como a norma culta o pronome a ser utilizado é o pronome oblíquo átono “o” na sua forma proclítica (“o colocarmos”), a expressão “todo mundo” (forma coloquial) por “todos” (forma culta) e a expressão “vai ser” (forma coloquial) por “será” (forma culta), assim o texto ficaria da seguinte forma:

Embora o Brasil já esteja à beira do abismo, ainda será preciso um grande esforço de todos para que o coloquemos novamente lá em cima.

QUESTÃO 4

Crianças perguntam... Einstein responde!

O professor da 5ª série de uma escola americana notou que seus alunos ficavam chocados ao aprender que os seres humanos são classificados no reino animal. Então sugeriu que escrevessem para grandes cientistas e intelectuais e pedissem a opinião deles sobre isto. Albert Einstein respondeu:

“Queridas crianças. Nós não devemos perguntar ‘O que é um animal?’, mas sim, ‘Que coisa chamamos de animal?’ Bem, chamamos de animal quando essa coisa tem certas características: alimenta-se, descende de pais semelhantes a ela, cresce sozinha e morre quando seu tempo se esgotou. É por isso que chamamos a minhoca, a galinha, o cachorro e o macaco de animais. ‘E nós, humanos?’ Pensem nisto da maneira que eu propus anteriormente e então decidam por vocês mesmas se é uma coisa natural nós nos considerarmos animais”.

Ciência Hoje – Crianças.

a) Em sua resposta às crianças, Albert Einstein propõe a substituição da pergunta “O que é um animal?” por “Que coisa chamamos de animal?”.

Explique por que essa substituição já revela uma atitude científica.

b) Fazendo as adaptações necessárias e conservando o seu sentido original, reconstrua o último período do texto (“... Pensem nisto da maneira que eu ... animais.”), começando com “(...) Decidam por vocês mesmas ... animais”.

Resolução

a) O método científico engloba entre outras coisas a observação da natureza, experimentação e estabelecimento de modelos de modo a explicar fenômenos naturais e atribuir significado às coisas. Este método se baseia em indagações do ser humano e busca de respostas impessoais e criteriosas a estas indagações. No método científico, um modelo somente é aceito categoricamente após confirmações empíricas (experimentais) de maneira que seja altamente coerente a generalização de tal modelo. Einstein reformula a pergunta de forma a torná-la científica: na pergunta “O que é um animal?”, semanticamente já existe a afirmação de que algo é um animal, significando que o “animal” existe por si só, não se tratando de

um modelo de classificação do homem para explicar/entender a natureza. Ao efetuar a permuta, por “Que coisa chamamos de animal?” torna-se claro que a classificação “animal” nada mais é que um modelo criado pelo ser humano para compreender a natureza. Além disso, Einstein procura responder a pergunta de forma criteriosa, a partir das características do objeto de estudo (os seres analisados), definindo os requisitos para algo ser classificado como animal.

b) O termo “então” apresenta neste contexto idéia de seqüência temporal, significando que o tempo da oração que o segue é posterior ao tempo da oração que o antecede. Assim, ao inverter a ordem das orações deve-se utilizar o termo **após**, que também apresenta idéia de uma seqüência no tempo, mas implicando que a oração seguinte é anterior à oração que antecede o termo.

Decidam por vocês mesmas se é uma coisa natural nós nos considerarmos animais após pensarem nisto da maneira que eu propus anteriormente.

QUESTÃO 5

(...)
Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações
(...)

“Vai passar”, Chico Buarque e Francis Hime.

- a) É correto afirmar que o verbo “dormia” tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.
b) Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima “distraída”/“subtraída”).

Resolução

a) Não. No contexto da música, o verbo *dormir* tem conotação equivalente à da expressão popular “dormia no ponto”, ou seja, significa que a “pátria mãe” estaria sendo passada para trás, o que é confirmado nos dois últimos versos: “*Sem perceber que era subtraída/Em tenebrosas transações*”, que podem ser interpretados como: a pátria mãe era prejudicada/solapada e não se dava conta disso.

b) A aliteração estabelecida pela repetição das mesmas sonoridades na série de sílabas e palavras constituídas pela consoante “s”, de característica sibilante, alusiva ao silêncio. Há também a aliteração do som surdo “t”, no verso “*em tenebrosas transações*”, que cria um contraste com os sons sibilantes da mesma forma que há, semanticamente, um contraste entre o silêncio da pátria-mãe adormecida e as transações ocorridas nos bastidores.

QUESTÃO 6

Há certas expressões significativas: “Contra fato não há argumento”. Elas querem dizer que, diante da evidência do real, não cabem as argumentações em contrário, o que em princípio parece estar certo. Mas, na verdade, significam também coisas como “o que vale é a força” ou “idéia não resolve”. Assim, pregam o reconhecimento do fato consumado, a capitulação diante do que se impôs no terreno “prático”, negando o direito de discutir, de argumentar para mudar a realidade. E então se tornam sinistras.

Antonio Candido, **Recortes**.

Entre as “expressões significativas”, a que se refere o autor do texto, podem-se incluir certos provérbios, como, por exemplo,

Cada macaco no seu galho.

Indique o sentido que esse provérbio assume,

- a) se for entendido como uma afirmação aceitável, que em princípio parece estar certa.
b) se for entendido como uma afirmação autoritária, que impõe um fato consumado.

Resolução

a) Como uma afirmação aceitável, tem esse provérbio o sentido de que ninguém deve ir além de suas atribuições, de que ninguém deve opinar sobre algo que lhe é desconhecido.

b) Com o sentido autoritário, faz alusão a uma impossibilidade de transformação ou mudança, implicando uma forma de determinismo segundo a qual cada um deve permanecer no lugar em que está, realizando o que lhe foi determinado de alguma maneira. Em certos casos, poderia se dizer que quem não é responsável por uma tarefa ou atribuição, nunca poderia chegar a sê-lo.

QUESTÃO 7

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no

[morro da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu

[afogado.

Manuel Bandeira, **Libertinagem**.

- a) Relacione o título do poema à corrente estética da qual o texto participa.
b) O poema adota o procedimento de relatar os acontecimentos sem comentá-los ou interpretá-los diretamente. Que atitude esse procedimento pede ao leitor? Explique brevemente.

Resolução

- a) O título faz referência ao cotidiano, característica comum do Modernismo.
b) O poema, por sua semelhança com uma notícia, acaba apenas relatando um determinado acontecimento. Após o relato, cabe ao leitor refletir sobre o modo como foi dito, e sobre o que foi dito. A ausência de comentários ou interpretações serve justamente para não imprimir ao leitor a opinião do autor, permitindo que o primeiro consiga elaborar uma opinião própria sobre o evento acontecido (a análise da tragédia, a presença do suicídio, os motivos que levaram ao suicídio, etc).

QUESTÃO 8

a) Referindo-se a suas intenções ao escrever o livro **Macunaíma**, Mário de Andrade afirmou:

“Um dos meus interesses foi desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas”.

No livro, esse “interesse” é alcançado? Justifique brevemente.

b) Sobre a personagem Macunaíma, Mário de Andrade afirmou:

“É fácil de provar que estabeleci bem dentro de todo o livro que **Macunaíma é uma contradição de si mesmo**”.

A afirmação sublinhada se justifica? Explique sucintamente.

Resolução

- a) Sim, o interesse é alcançado. Basta que se leve em consideração, por exemplo, a presença constante de seres mitológicos de diferentes regiões do país, além de plantas e animais de regiões diferentes convivendo em um lugar comum.
b) Sim, a afirmação se confirma, pois Macunaíma é “o herói sem nenhum caráter”. O próprio nome da personagem serve como justificativa, uma vez que deriva da união de “Maku”, que significa mau, e “Ima”, que significa grande. Assim, Macunaíma significaria “grande mau”, o que é bastante contraditório para o nome de um herói. Além disso, o seu caráter muda constantemente ao longo da obra: de corajoso a covarde, de herói a anti-herói, de esperto a enganado.

QUESTÃO 9

Capítulo LXVIII / O Vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: – “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

– Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

– Meu senhor! gemia o outro.

– Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho?

Nada menos que o meu moleque Prudêncio, – o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

– É, sim, nhonhô.

– Fez-te alguma cousa?

– É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

– Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

– Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**.

a) Este trecho remete a episódio anterior, da mesma obra, no qual interagem Brás Cubas e Prudêncio, então crianças. Compare sucintamente os papéis que as personagens desempenham nesses episódios.

b) Neste trecho, a variedade lingüística utilizada pelas personagens contribui para caracterizá-las? Explique brevemente.

Resolução

a) Prudêncio era constantemente humilhado em sua infância. Na posição de escravo, era utilizado pelo seu senhor, o jovem Brás Cubas, como cavalo em suas brincadeiras. No episódio citado, Prudêncio, já como ex-escravo, desempenha papel de senhor e castiga seu escravo, que é perdoado por intermédio de Brás Cubas. Vale notar que esse escravo está sendo castigado da mesma forma que Brás Cubas castigava Prudêncio quando eram pequenos, inclusive com as mesmas expressões (“cala a boca, besta!”). Assim, após liberto, Prudêncio acaba por reproduzir as agruras pelas quais havia passado, perpetuando as mesmas injustiças das quais outrora fora vítima. Com esta abordagem, Machado faz uma crítica à natureza humana, pois ao invés de combater as injustiças de que fora vítima, uma vez liberto, Prudêncio prefere replicá-las.

b) Sim, pois Brás Cubas utiliza uma linguagem em concordância com a norma culta (o que é claramente observado pelo uso recorrente da ênclise, como em “Cheguei-me”, “deteve-se” e “Fez-te”), indicando sua origem de “berço rico”, na qual teve acesso aos estudos e enriquecimento cultural. Já Prudêncio, na condição de ex-escravo, apresenta uma linguagem popular, com divergências em relação à norma culta tais como:

- o “Ainda hoje **deixei ele** na quitanda” em lugar de “Ainda hoje o **deixei** na quitanda”;
- o “eu ia lá embaixo na cidade” em lugar de “eu ia à cidade”
- o “ir na venda beber” em lugar de “ir à venda beber”

Além disso, Prudêncio usa a expressão “nhonhô”, bastante comum entre os escravos e ex-escravos. Dessa forma, mesmo liberto e na condição de senhor, a fala de Prudêncio ainda indica submissão, contribuindo para sua caracterização.

QUESTÃO 10

Havia cinco anos que D. Felicidade o amava. (...) Acácio tornara-se a sua **mania**: admirava a sua figura e a sua gravidade, arregalava grandes olhos para a sua eloquência, achava-o numa “linda posição”. O Conselheiro era a sua ambição e o seu vício! Havia sobretudo nele uma beleza, cuja contemplação demorada a estonteava como um vinho forte; era a calva. Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos homens, e aquele apetite insatisfeito inflamara-se com a idade. Quando se punha a olhar para a calva do Conselheiro, larga, redonda, polida, brilhante às luzes, uma transpiração ansiosa umedecia-lhe as costas, os olhos dardejavam-lhe, tinha uma vontade absurda, ávida de lhe deitar as mãos, palpá-la, sentir-lhe as formas, amassá-la, penetrar-se dela! Mas disfarçava, punha-se a falar alto com um sorriso parvo, abanava-se convulsivamente, e o suor gotejava-lhe nas roscas anafadas* do pescoço. Ia para casa rezar estações, impunha-se penitências de muitas coroas à Virgem; mas apenas as orações findavam, começava o temperamento a latejar. E a boa, a pobre D. Felicidade tinha agora pesadelos lascivos e as melancolias do histerismo velho.

Eça de Queirós, **O primo Basílio**.

* anafadas = gordas

a) Qual é a escola literária cujas características mais se fazem sentir neste trecho? Justifique brevemente sua resposta.

b) Considere a seguinte afirmação:

“Em Eça de Queirós, a sátira e a caricatura tornam-se, com frequência, cruéis e sombrias, por isso mesmo incompatíveis com o riso e o humor”.

Essa afirmação aplica-se ao trecho acima reproduzido? Justifique sucintamente sua resposta.

Resolução

a) Esse trecho é característico do Realismo. Observe o trecho “Ia para casa rezar estações, impunha-se penitências de muitas coroas à Virgem; mas apenas as orações findavam, começava o temperamento a latejar”. Aqui está presente a crítica aos costumes da burguesia, característica básica do Realismo. Além disso, o amor é visto não mais de maneira idealizada (como era comum no Romantismo), e sim de maneira mais sexual, e também irônica (Acácio era considerado como *mania* de D. Felicidade). Esse tipo de visão também é característica do Realismo.

b) O trecho de “O Primo Basílio” citado na questão apresenta uma sátira em relação à atração que Acácio provocava em D. Felicidade, principalmente pela obsessão que esta tinha pela calva daquele. Além disso, o trecho aborda o conflito que esta atração causava a D. Felicidade, uma vez que por causa de sua religiosidade esta se impunha penitências e tinha ainda pesadelos devido ao desejo incontrolável em contraposição ao “pecado” que a realização deste desejo representava. Deste modo, **o estudante poderia considerar tal trecho compatível com o riso e o humor e, portanto, concluir que a afirmação não se aplica ao trecho em questão**. Neste caso poderia argumentar que o trecho descreve de forma caricata a atração de uma mulher pela calva de um homem, o que poderia ser considerado engraçado. Este humor seria acentuado pela tentativa em vão de D. Felicidade de ocultar seu desejo. Podendo o autor ter criado tal situação com o objetivo de sátira humorística. Por outro lado, o estudante **poderia argumentar que o sofrimento, as penitências e os pesadelos de D. Felicidade são “cruéis e sombrios” demais para serem compatíveis com o riso. Neste caso, o estudante deveria concluir que a afirmação se aplica ao trecho citado**. Em qualquer linha de raciocínio, o mais importante é que a conclusão do candidato esteja coerente com sua argumentação e esta baseada no trecho utilizado para a questão.

REDAÇÃO

Texto 1

O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.

Adaptado de A. Simões

Texto 2

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.

M.A. Marques

Texto 3

O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura “David”.

Adaptado de site da Internet



INSTRUÇÃO: Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas idéias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.

Comentários

A prova de Redação da Fuvest não ofereceu surpresa alguma. Vale notar, inclusive, que o tema “Trabalho” já havia sido a proposta da redação Unicamp de 2001 e foi amplamente discutido nas aulas de Redação do Elite. Os três fragmentos apresentam visões distintas do trabalho, que deveriam ser analisadas em conjunto e comparadas pelo candidato que quisesse elaborar um bom texto dissertativo.

No primeiro fragmento, há a tese de que o trabalho não faz parte da natureza humana, mas é, ao contrário, produto de uma determinada realidade histórica, não necessariamente eterna. Munido dessa informação, e com um pouco de reflexão própria, o candidato poderia colocar em questão a clássica idéia de que o trabalho é inerente à condição humana e discutir em seu texto as formas como ele é explorado na sociedade atual e os motivos que levaram ao atual modelo de organização do trabalho.

O segundo fragmento complementa o primeiro ao mostrar as discrepâncias criadas pela distribuição do trabalho na atual sociedade e contradiz a previsão de que o progresso técnico faria as pessoas trabalharem menos com o passar do tempo. O candidato que quisesse discutir os problemas trazidos pela organização do trabalho encontraria nesse excerto um bom argumento.

Por fim, o terceiro fragmento da coletânea lembra aos candidatos que o trabalho também pode ser artístico, ao mencionar o processo que levou Michelangelo a esculpir a obra “David”. Com essa informação, o candidato poderia, por exemplo, direcionar seu texto a uma defesa do trabalho como patrimônio da humanidade ou discutir a diferença entre os trabalhos braçal, intelectual e artístico.

Embora a coletânea de textos seja bastante reduzida, a proposta da Fuvest, exposta ao fim do tema, deixa claro que o candidato deverá usar, além dos fragmentos oferecidos, outras informações que julgue pertinentes. Por isso, os excertos apresentados pelo tema devem ser encarados como um ponto de partida para a reflexão do candidato e não como um fator limitante para as idéias presentes em seu texto.